

“Embora seja um dos indivíduos mais documentados da cultura moderna, Lennon jamais teve o período inicial de sua vida em Nova York examinado com tanta profundidade e clareza.” – Lee Ranaldo, SONIC YOUTH



JAMES A. MITCHELL

JOHN LENNON EM NOVA YORK OS ANOS DE REVOLUÇÃO

JOHN LENNON
EM NOVA YORK



JOHN LENNON



JAMES A. MITCHELL

EM NOVA YORK

OS ANOS DE REVOLUÇÃO

valentina 

Rio de Janeiro, 2015

1ª Edição

Copyright © 2013 by James A. Mitchell
Publicado originalmente pela Seven Stories Press, Nova York

TÍTULO ORIGINAL
The Walrus & The Elephants: John Lennon's Years of Revolution

CAPA
Raul Fernandes

FOTO DE 4ª CAPA
Barrie Wentzell (John and Yoko, 1971)

FOTO DO AUTOR
Linda Remilong

DIAGRAMAÇÃO
editoriarte

Impresso no Brasil
Printed in Brazil
2015

CIP-BRASIL. CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO
SINDICATO NACIONAL DOS EDITORES DE LIVROS, RJ

M668j

Mitchell, James A.

John Lennon em Nova York: os anos de revolução / James A. Mitchell;
tradução Pedro Jorgensen Jr. – 1. ed. – Rio de Janeiro: Valentina, 2015.
248p. (+24p. de fotos); 21 cm.

Tradução de: *The walrus & the elephants: John Lennon's years of revolution*
ISBN 978-85-65859-76-9

1. Lennon, John, 1940-1980. 2. Músicos – Inglaterra – Biografia. 3. Beatles
(Conjunto musical). 4. Grupos de rock. 5. Ciências políticas. I. Título.

15-23920

CDD: 927.8042

CDU: 929:78.067.26

Todos os livros da Editora Valentina estão em conformidade com
o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

Todos os direitos desta edição reservados à

EDITORA VALENTINA
Rua Santa Clara 50/1107 – Copacabana
Rio de Janeiro – 22041-012
Tel/Fax: (21) 3208-8777

www.editoravalentina.com.br

*À memória de Wayne “Tex”
Gabriel – músico de talento
e homem de bem.*

*E ao espírito de John Lennon,
de quem muitos disseram o mesmo.*

*Ele foi preso pelo que fez
ou por representar a todos?
– John Lennon,
“John Sinclair”*

Sumário

1 O ADVENTO DO MESSIAS HIPPIE	11
2 JOHN E OS ELEFANTES	37
3 "DROGADO COM RELIGIÃO, SEXO E TV"	69
4 "UMA CALAMIDADE PÚBLICA"	99
5 JOGO DE PALAVRAS	131
6 "DA PRÓXIMA VEZ A GENTE ACERTA"	157
7 "NINGUÉM SEGURA UMA BOA BANDA"	181
POSFÁCIO: DEPOIS DA JORNADA	211
AGRADECIMENTOS	233
NOTA DO AUTOR: FONTES E METODOLOGIA	235
NOTAS	239
BIBLIOGRAFIA SELECIONADA E OUTRAS LEITURAS	247

CAPÍTULO 1

O ADVENTO DO MESSIAS HIPPIE

“Nós viemos aqui (...) não só para ajudar John e dar publicidade ao que está acontecendo (...), mas também para deixar claro e dizer a todos vocês que apatia não leva a nada e que podemos, sim, fazer alguma coisa.”

– JOHN LENNON
(Ann Arbor, Michigan,
dezembro de 1971)

EM DEZEMBRO DE 1971, John Lennon subiu ao palco para cantar e discursar em favor de John Sinclair, um ativista radical condenado a dez anos de prisão pela posse de dois cigarros de maconha. Sinclair estava preso havia mais de dois anos quando Lennon avocou a sua causa.

Dois dias depois de Lennon cantar “Let Him Be, Set Him Free”, um tribunal estadual libertou Sinclair, revertendo a decisão anterior.

Ainda impactado por anos de turbulência política, os Estados Unidos precisavam de um novo tipo de líder. O recém-ex-Beatle era uma das pessoas mais famosas e influentes do planeta. Se ele conseguira tirar um homem da prisão, do que mais seria capaz?

Um governo ávido por silenciar seus inimigos se fazia a mesma pergunta. Acreditava que Lennon poderia usar a sua considerável

influência, segundo suas próprias palavras, “desequilibrar” a eleição presidencial que se aproximava. Seria melhor para algumas pessoas que ele voltasse para a Inglaterra – e foi o que o governo Nixon tentou fazer, por meios legais e ilegais.

“O *flower power* não deu certo?”, questionou Lennon no palco, naquela noite, entre uma e outra canção. “E daí? A gente começa de novo.”



JOHN LENNON ERA um recém-chegado a Nova York no verão de 1971. Já estivera na cidade, é claro, mas sempre em rápidas aparições dos Beatles, turnês frenéticas em que Manhattan só era vista de limusines e quartos de hotel. Agora buscava uma vida discreta, ironicamente no mesmo lugar onde, sete anos antes, ele próprio lançara a “invasão britânica” do rock e tudo o mais que se seguiu. Naquela época, não precisara mais do que uma guitarra, um sorriso maroto e muito “iê-iê-iê”.

Desta vez, porém, não havia adolescentes aos berros para abafar a música nem garotas desesperadas para ver um Beatle. Os anos sessenta haviam passado, com suas guerras, assassinatos, manifestações e *flower power*. Lennon, como ele próprio costumava lembrar, já não era um dos Fab Four.

“Tentamos sacudir a nossa imagem andando de bicicleta pelo Village”,* escreveu Lennon em “New York City”, uma de um lote de canções inéditas inspiradas por seu novo lar. Depois de uma estadia inicial no hotel St. Regis, em Midtown, ele e sua esposa, Yoko Ono, se mudaram, naquele mesmo outono, para um apartamento

* *Tried to shake our image just a cycling through the Village.* (“New York City”). Todas as notas de rodapé são do tradutor.

na Bank Street, 105, no Greenwich Village, anteriormente ocupado pelo baterista Joe Butler, do Lovin' Spoonful.¹ A centralidade do bairro combinava com o estado de espírito de Lennon: uma tremenda e divertida babel de música, radicalismo político, arte e maconha fumada abertamente pelas ruas; um clima digno das melhores vibes psicodélicas de *Sgt. Pepper's*.

O apartamento era modesto para os padrões de Nova York, com dois cômodos mais propriamente funcionais do que espaçosos, a anos-luz de Tittenhurst, a mansão britânica que Lennon deixara para trás –, objeto da ironia de não poucos críticos do filme promocional de *Imagine* (“imagine um mundo sem posses”).* Lennon parecia ter vergonha, dentre outros subprodutos da Beatlemania, de sua riqueza material. Ele disse a Peter McCabe e Robert Schonfield, que na época pesquisavam para escrever *Apple to the Core*, um livro sobre o fim dos Beatles: “Não quero sair tocando por aí para ganhar mais um monte de dinheiro. O que eu vou fazer com ele? Já tenho toda a droga do dinheiro de que preciso.”²

Não era um pensamento fortuito: ele discutira recentemente a letra de “Imagine” com Hendrik Hertzberg, da *New Yorker*.³ “Eu comecei a pensar: não quero mais aquela casa imensa que construímos na Inglaterra (...). Não quero essa chatice de possuir palácios e carrões. Fico pirado só de pensar na quantidade de coisas que tenho lá, todos os livros e objetos que juntei, paredes inteiras repletas deles.” Lennon achava que esses livros, assim como a maior parte de seus pertences, deviam estar em algum outro lugar, como bibliotecas e presídios.

Lennon tentava se livrar dos atavios da riqueza e da fama, e ansiava, com igual intensidade, fazer parte de algo mais amplo do que ele mesmo e maior do que os Beatles – supondo-se que isso

* *Imagine no possessions.*

fosse possível. Sua atenção se voltara para os explosivos conflitos políticos e culturais que fermentavam nos Estados Unidos. No começo de 1971, ele dera longas entrevistas à *Rolling Stone* e ao *Red Mole* – um jornal underground britânico editado por Tariq Ali. Lennon achava “vergonhoso” não ter participado mais ativamente dos movimentos contra a Guerra do Vietnã e em defesa dos direitos civis. Sentira-se, muitas vezes, dividido entre o mercantilismo do sucesso dos Beatles – “todo mundo tentando nos usar” – e o desejo de insinuar temas mais maduros em suas canções: “Viramos uma espécie de cavalo de Troia.”⁴

Era cauteloso, porém escaldado, com algumas situações em que teve de enfrentar o crivo da mídia e a reação negativa do público, como o famoso escândalo provocado pelas observações – fora de contexto e absurdamente exageradas – de que os jovens britânicos não gostavam de ir à igreja e de que os Beatles eram mais populares do que Jesus Cristo. Ele disse a Ali que, naquela ocasião, o empresário Brian Epstein implorou-lhes para não dar palpite nas questões que dividiam os Estados Unidos.

“Epstein tentou nos catequizar para não falarmos nada sobre o Vietnã”, explicou Lennon. “Mas George e eu dissemos: ‘Olha só, da próxima vez que eles perguntarem, nós vamos dizer que não gostamos da guerra e que achamos que eles deviam sair de lá’. (...) Era uma atitude bem radical, especialmente para os Fab Four.”

Havia, na época, diferenças internas de opinião sobre o lugar dos Beatles no mundo como líderes artísticos ou revolucionários. Antes de deixar a Inglaterra, Lennon se correspondera com Paul e Linda McCartney a propósito de suas declarações públicas sobre o legado do grupo. “Vocês acham mesmo que a maior parte da arte atual surgiu por causa dos Beatles?”, perguntou. “Eu não me envergonho de ter feito parte dos Beatles (afinal, fui eu que comecei tudo isso).”⁵

Ele queria também ver os êxitos do grupo de modo razoável: “Nós não dizíamos sempre que éramos apenas parte do Movimento – não o Movimento inteiro? É claro que mudamos o mundo –, mas tentem ir até o fim – CURTAM O SEU DISCO DE OURO E VÃO À LUTA!”

Lennon e McCartney sabiam que se esperava deles um maior envolvimento como grupo. Tariq Ali, jornalista indiano educado na Grã-Bretanha que era um dos novos escribas da contracultura, escrevera, como editor do *Red Mole*, que artistas da magnitude de Lennon tinham obrigação de fazer mais do que exhibir aqui e ali o símbolo da paz. Mas Lennon ainda não havia chegado a um acordo com o seu recém-descoberto status revolucionário.

“Lennon era bastante modesto a esse respeito”, recorda Ali. “Ele me disse: ‘Você tem certeza de que quer me entrevistar? Sua revista é tão intelectualizada!’”

Passaram dois dias quase inteiros discutindo Vietnã, política, ativismo e os desafios enfrentados pela geração dos anos sessenta.

“Foi o discurso do ‘Estado da União’ de Lennon”, diz Ali. “Naquela conjuntura, foi isso que significou para o mundo inteiro.”

Lennon queria participar e foi um dos primeiros a admitir que a cultura jovem daquela época talvez tivesse tido um enfoque um tanto alienado.

“O sonho do ácido acabou”, disse Lennon. “É o que estou tentando dizer a eles.” Como músico, ele podia cantar canções que unissem as pessoas, como o hino “Give Peace a Chance”, de 1969, escrito e gravado durante uma lua de mel bastante pública, passada em sua própria cama e diante das câmeras do mundo inteiro. Ele imaginou que a canção pudesse ser cantada “em bares e em manifestações”. Em 1971, deu mais um passo à frente com “Power to the People” e disse a Ali que seus planos pós-Beatles incluíam um papel mais ativo no Movimento: “Eu gostaria de compor canções para a

revolução. (...) Gostaria que eles vissem que rock and roll não é Coca-Cola. É por isso que venho dando declarações mais pesadas e tentando me livrar da imagem de moderninho.”⁶

Nos Estados Unidos, Lennon podia pôr em prática suas ideias. “Levante-se”, disse ele em “Power to the People”, e “Vá para a rua”. Adorava a ideia de poder caminhar mais ou menos livremente por Manhattan como todo mundo. Nova York era uma cidade viva, e o Village, a batida que regulava o pulso das ruas. Lennon podia senti-lo nas boates de porão da St. Marks Place, nos bares da Bleecker Street e no Washington Square Park, cujo chafariz central era um ímã para músicos underground com talentos que iam de promissores a nada animadores, mas nem por isso menos apaixonados. John e Yoko se juntavam despreocupadamente à multidão que curti a música pela música, para ouvir canções que dificilmente chegariam às 10 Mais do rádio.

“Lá vem um cara com uma guitarra cantando ‘Fume um baseado, se puder.’”^{*} David Peel e sua banda, Lower East Side, imortalizada por Lennon em “New York City”, estavam entre os artistas mais assíduos do parque, cantando e tocando por prazer e pelos trocados que as pessoas atiravam nos estojos de suas guitarras. A maconha aparecia com destaque nas composições de Peel, canções intensas sobre a vida nas ruas e o dia a dia de um hippie na grande cidade.

A despeito do amadorismo de Peel, Lennon se empolgou com sua música. Eram canções do povo, pelo povo e para o povo, que, aos ouvidos de Lennon, soavam muito mais profundas e relevantes do que o conteúdo intrinsecamente comercial da música popular. No Village, ser um grande sucesso não era necessariamente bacana.

^{*} *Up come a man with a guitar in his hand singing “Have a marijuana if you can.” (“New York City”).*

“Por que pagar para assistir aos astros?”; perguntava Peel ao seu público, uma questão retórica do ponto de vista de um músico underground.⁷

“Ele deve estar falando de mim” teria sido a reação de Lennon, que andava às voltas com seu papel de popstar e seu lugar no mundo revolucionário.

• • •

FOI NO WASHINGTON Square Park que Lennon conheceu Jerry Rubin, amigo de Peel e correu no processo dos “Sete de Chicago”, um grupo de ativistas acusados de incitarem protestos violentos por ocasião da convenção democrata de 1968.

Segundo o próprio Lennon, ao chegar a Nova York, “as primeiras pessoas que entraram em contato comigo foram Jerry Rubin e Abbie Hoffman. Simples assim.”⁸

Lennon parecia ser a resposta às preces longamente murmuradas pelos líderes radicais. Para Rubin, foi “amor à primeira vista”. “Altas vibrações”, foi como descreveu o encontro, certo de que Lennon sentia a mesma coisa. “Os yippies* aplicavam à política a mesma tática dos Beatles: fundir música e vida.”

O Partido Internacional da Juventude – os “yippies” – era um grupo informal de ativistas contrários à Guerra do Vietnã e defensores dos direitos civis, liderado por Rubin e Hoffman. Em Chicago, onde uniram forças com líderes da Nova Esquerda, como Rennie Davis e Tom Hayden, suas atividades os tornaram célebres em alguns círculos e malvistas em outros. Embora houvesse, entre os que depuseram em juízo em favor dos Sete de Chicago,

* Híppies militantes da década de 1960. O termo é uma aliteração de hippie, a partir do acrônimo de Youth International Party (Partido Internacional da Juventude).

figuras como Judy Collins, Arlo Guthrie, Norman Mailer, Timothy Leary e o reverendo Jesse Jackson, os processos judiciais de 1970 foram imortalizados como um circo midiático dominado pelas táticas teatrais absurdistas de Hoffman e Rubin. Uma de suas encenações foi comparecer ao tribunal usando togas, debaixo das quais – eles certamente seriam convidados a tirá-las – vestiam uniformes do Departamento de Polícia de Chicago. Os Sete foram julgados culpados de cruzar a fronteira do estado para provocar distúrbios e viveram dois anos com uma sentença pairando sobre suas cabeças até a absolvição final.

Os Sete de Chicago – Rubin, Hoffman, Davis, Dave Dellinger, Hayden, John Froines e Lee Weiner – seguiram caminhos distintos depois do julgamento: alguns como líderes *de facto* do movimento contra a guerra, outros como celebridades midiáticas. Ao que parece, em 1971 as encenações de Rubin e Hoffman já não colavam: a ABC News os qualificou de “Groucho Marxistas”, pessoas que não deviam ser levadas a sério por causa das suas piadas de teatro de rua, como a campanha para eleger um presidente suíno (Pigasus,* o Imortal) e o ato de jogar dinheiro no chão da bolsa de valores. Davis diz que havia um racha na esquerda, a propósito da capacidade de Hoffman e Rubin, e que era preciso uma liderança que a fizesse recuperar as energias a tempo de substituir Nixon como presidente.

Talvez fosse apenas o fim de uma década difícil, fato é que o espírito de rebeldia do país parecia esgotado. Muitos ativistas seguiam com seu trabalho, mas em nível local – em escolas e comunidades –, não na cena internacional e no movimento contra a guerra. A revista *Time* se perguntava se a tão temida bomba do

* Nome de duplo sentido envolvendo Pégaso, o cavalo alado da mitologia grega, e o ditado “Só quando os porcos (*pigs*) voarem”, aplicado na língua inglesa a eventos altamente improváveis.

protesto estudantil não seria, na verdade, um tiro de pólvora seca. “Alguma coisa aconteceu – ou deixou de acontecer – na vida deste país”, dizia um ensaio intitulado “The Cooling of America”,* publicado em fevereiro. “Em pleno inverno de 1971, depois de meses de recessão e de uma década de guerra no estrangeiro e violência doméstica, um estado de espírito de quase imobilidade despençou como uma placa de gelo sobre o país.”

“O movimento contra a guerra tinha muita força”, diz Davis, um natural de Michigan que estreou como revolucionário em Ann Harbor. “Mas o gás acabou. Todo mundo percebia; ninguém estava mais a fim de fazer nada.”

Davis lembra que, ao ler as entrevistas revolucionárias de Lennon, reconheceu nele uma alma gêmea que poderia revitalizar o combalido movimento contra a guerra.

“Foi para mim um momento extraordinário”, diz Davis. “Lá estava aquele cara, que tão bem simbolizava a sua geração por meio dos Beatles, dando declarações claramente indicativas de que não era somente ‘Sou a favor da paz’. Era alguém dizendo: ‘Sou um ativista, estou pronto para me engajar.’”

Lennon desembarcou nos Estados Unidos numa época incerta, em que muitas pessoas eram presas, manifestantes eram mortos e milhares perdiam a vida no Vietnã. Mas nem por isso elas recuavam. Era preciso correr riscos; afirmar a participação ativa. Lennon nunca se considerara um homem político, mas talvez os tempos tivessem mudado. Numa entrevista ao jornal underground *Los Angeles Free Press*, em outubro, Lennon disse que só recentemente compreendera o que tinha a oferecer.

“Eu não diria que renunciei à política”, refletiu Lennon.⁹ “Na verdade, eu nunca fiz política. Eu faço as coisas – como todo mundo

* “O esfriamento dos Estados Unidos.”

– politicamente. Toda declaração que a gente faz é uma declaração política. Cada disco, até mesmo o nosso modo de vida, é uma declaração política.”

O Movimento também se encontrava numa encruzilhada: estariam a energia e a paixão desencadeadas pelo movimento em prol dos direitos civis perto do fim? Davis nutria certa nostalgia da simples legitimidade da luta, que começara no dia em que quatro estudantes negros entraram numa lanchonete Woolworth “só para brancos” e provocaram um boicote da loja que durou seis meses (...) e toda a década seguinte.

“Estava claro para todo mundo, para mim mesmo principalmente, que essa coisa imensa que começara em 1960 no balcão de uma lanchonete em Greensboro, Carolina do Norte, fora um fenômeno, um acontecimento histórico”, diz Davis. “Agora ela estava, claramente, no fim.”

Estava? John Lennon deu a Davis e Rubin um vislumbre de esperança. Rubin precisava de algo que lhe devolvesse a credibilidade, não apenas junto à sociedade norte-americana, mas ao próprio Movimento. De certa forma, Rubin enfrentava problemas similares aos de Lennon: preocupação com o futuro e insegurança em relação ao legado que construía até então. Não por acaso, ele disse à *Rolling Stone* que tinha muitas dúvidas a respeito de seu futuro – e do futuro da revolução.¹⁰

“Todos ao meu redor estavam deprimidos e confusos”, disse Rubin. “No movimento, todos condenavam tudo (...) condenavam a sua própria história.”

A presença de Lennon em Nova York era uma oportunidade rara que Rubin agarrara com todas as suas forças. Sem grandes expectativas, ligou para a Apple Records e se surpreendeu tanto quanto todo mundo com o fato de Yoko Ono retornar a chamada. O primeiro encontro de Rubin e Hoffman com John e Yoko

ocorreu, muito a propósito, sob o arco da Washington Square: Lennon de tênis estampados com a bandeira americana e Yoko toda de preto. Depois de calorosas apresentações, eles deixaram o parque e passaram várias horas no apartamento de Hoffman. Rubin disse a John e Yoko que os seus *bed-ins** pela paz eram fantásticos, na linha de suas próprias encenações políticas. John e Yoko disseram considerar Hoffman e Rubin autênticos artistas e os líderes radicais admitiram ver em Lennon um novo tipo de ativista político.

Rubin foi direto ao ponto, perguntando várias vezes o que exatamente Lennon queria fazer. Participar, disse-lhe Lennon. Queria montar uma banda e tocar, “devolvendo todo o dinheiro às pessoas”; fazer a sua parte no Movimento com a sua música. Disse que pretendia “compor músicas para a revolução” e que esperava levá-las às ruas para, quem sabe, sacudir um pouco as coisas.

“Eu quero fazer alguma coisa política, radicalizar as pessoas, essa coisa toda”, disse Lennon. “Essa seria a melhor maneira (...) levar para a rua um espetáculo realmente diferente, um show itinerante de rock and roll político.”

Em Londres, Lennon teria conseguido facilmente todos os contatos necessários para molhar os pés nas águas revolucionárias britânicas. Nos Estados Unidos, porém, ele precisava conhecer algumas pessoas para encontrar as causas certas. A utilidade do líder yippie Jerry Rubin dependeria de sua capacidade de servir de guia a Lennon em sua jornada pela política de esquerda à moda ianque. Rubin teria de levar ao partido da Bank Street alguma contribuição que o diferenciasse dos sonhadores e maquinadores que buscavam a amizade, a confiança e os favores de Lennon.

* Termo derivado de *sit-in* (forma de protesto em que os manifestantes se sentam em locais públicos para reivindicar) dado por John e Yoko às suas manifestações pela paz na própria cama.

Uma questão em especial despertara o interesse do ex-Beatle: as atribulações do ativista John Sinclair, de Detroit, um amigo de Rubin que cumpria uma sentença de dez anos de prisão por posse de maconha, mas com toda pinta de punição por suas opiniões políticas.

O argumento, o discurso de venda ou a causa – dez anos por dois míseros baseados! – fechou o acordo. A objetividade da proposta fez a cabeça de Lennon: pegar a guitarra, voar até Michigan e entrar na onda, tudo para um público interessado em fazer mais do que apenas gritar de prazer.

“Queremos que o público participe plenamente; sem essa de ficar admirando Deus no palco”, disse Lennon a Jean-François Vallée, repórter da TV francesa que passou um dia inteiro na Bank Street no começo de dezembro filmando um “papo na cama” com John, Yoko e Rubin.¹¹ Lennon lhe descreveu a imagem que estivera construindo em sua mente: um concerto politicamente carregado, sem aparato de superstar, com público e artistas espiritualmente unidos.

Esse parece ter sido o problema quando os Beatles se apresentaram ao público pela última vez – e sabe Deus o que poderia acontecer se os quatro subissem ao palco novamente. “Eu ainda sou essencialmente um músico”, disse um nostálgico Lennon em vias de iniciar um novo capítulo em sua carreira. Em parte, seu objetivo era ser apenas um músico a mais, sem o aparato de superstar, mas em suas letras e apresentações ele buscava um brilho artístico que superasse o que já realizara como membro de uma banda, mesmo que fosse nada menos que os Beatles.

“Eu ainda tenho muito poder como indivíduo, estou o tempo todo na mídia (...) por causa dos Beatles”, disse Lennon. “Nosso trabalho agora é dizer que ainda há esperança, que temos muita coisa para fazer e que precisamos ir lá e mudar a cabeça deles.

Podemos mudar! O mundo não acabou porque o *flower power* já não faz efeito. Estamos apenas no começo.”

Lennon acreditava ter encontrado exatamente aquilo que buscava quando deixou a Grã-Bretanha – uma chance de servir ao Movimento com sua guitarra e sua presença.

• • •

LENNON TALVEZ FOSSE a última esperança de John Sinclair de sair da prisão. Com dois anos de sentença já cumprida, nada havia funcionado – nem a campanha de cartas ao *Detroit News* e ao *Free Press* nem a tentativa de Abbie Hoffman de dizer algumas palavras sobre o seu calvário no palco de Woodstock. (Hoffman desperdiçou sua chance: subiu ao palco durante a apresentação do The Who, mas, reza a lenda, foi posto para fora pelo guitarrista Pete Townshend, enlaçado na correia da sua Gibson.)

Sinclair era uma lenda underground de Detroit desde o tempo de estudante na Wayne State University, no começo da década de 1960. Homem de gostos ecléticos e afinidade com a erva, Sinclair escrevia poesia, defendia causas políticas e reivindicações comunitárias, e promovia o seu amado jazz. Ao lado da futura esposa, a alemã Magdalene “Leni” Arndt, Sinclair transformou a Oficina Artística de Detroit de 1964 em um grupo político dedicado aos direitos civis, o Panteras Brancas, nome escolhido em resposta ao chamado às armas do “pantera negra” Huey Newton às pessoas de todas as etnias. Embora o nome pudesse gerar confusão (foi mais tarde alterado para Rainbow People’s Party), os Panteras Brancas simpatizavam com aqueles que consideravam seus aliados naturais na esteira dos distúrbios que sacudiram a capital mundial do automóvel em 1967.

“Os hippies e os negros tinham um inimigo comum: o Departamento de Polícia de Detroit”, diz Sinclair. “O outro laço

comum era que nós, como a maioria deles, pelo menos os artistas e poetas com quem entramos em contato, também fumávamos maconha.”

Hippies ou panteras, eles tinham, segundo Sinclair, muito em comum com minorias facilmente identificáveis num país dividido pelo chamado abismo geracional. “Nós tínhamos uma marca: o cabelo comprido”, diz Sinclair. “Se você tinha cabelo comprido, fumava maconha, gostava de rock, estava desempregado e gostava de trepar, então você era um hippie. Os hippies eram o máximo: a melhor coisa que já aconteceu a este país.”

A postura relaxada de Sinclair – frequente, senão perpetuamente doidão – era enganosa; em suas causas, ele era focado e passional. Seu trabalho de base, centrado numa espécie de idealismo comunal, atacava grandes e pequenas causas, mas sempre locais, ao contrário dos ativistas de maior projeção que transitavam na cena nacional. Embora simpatizasse com eles, Sinclair afirmava que Detroit tinha seus próprios problemas.

“Estávamos totalmente fora do sistema político estabelecido, cuja ala esquerda era a SDS* e a mobilização contra a guerra”, diz Sinclair. “Nós os apoiávamos, mas tínhamos uma perspectiva cultural diferente.”

A atenção local – boa e má – que Rubin e Hoffman exerciam era tão intensa quanto o escrutínio nacional. A paixão de Sinclair por maconha e política fazia dele um alvo da polícia do campus, para a qual os cabeludos eram inimigos do Estado.

“Eu havia sido preso duas vezes”, lembra Sinclair. “A primeira por vender uma mutuca de 10 dólares a um policial infiltrado e a

* Students for a Democratic Society: organização estudantil fundada em 1960 que, após o início da Guerra do Vietnã, tornou-se ativa nos protestos contra essa guerra.

segunda quando outro policial me induziu a levá-lo à casa de uma pessoa para lhe arranjar um paco de 100 dólares.”

A segunda prisão, em 1965, rendeu a Sinclair seis meses na Casa de Correção de Detroit. Mas o que deveria ter sido um sinal de alerta – parar de oferecer maconha a estranhos – acabou ignorado. De volta às ruas, Sinclair continuou com a prática de compartilhar a erva descontraidamente com quem pedisse.

“Éramos hippies, não criminosos”, diz. “Não nos considerávamos perpetradores de atos criminosos. Tudo o que fazíamos era às claras, aberto ao público, essa era a nossa onda.”

Todo mundo era bem-vindo à Oficina Artística de Detroit, incluindo dois neófitos no final de 1966: um cabeludo de boina chamado “Louie” e uma mulher apresentada como “Pat”, que se vestia como hippie, fumava maconha e ajudava na datilografia.¹² Pat bajulava os homens, e Louie só pensava em descolar mais maconha. Louie e Pat – na verdade, Vahan Kapagian e Jane Mumford, do Departamento de Polícia de Detroit – se sentiam à vontade entre os hippies. Num dia memorável, Pat fez uma pergunta ouvida muitas vezes na Oficina.

“Ela me perguntou se eu tinha um baseado”, conta Sinclair. “Eu apertei um e nós queimamos juntos. Ela perguntou se podia levar. Eu disse: ‘Olha aqui, eu vou te dar outro’, e dei mais um para ela.”

A palavra “cilada” não parecia constranger os dois policiais. Um mês depois, eles irromperam na Oficina com dois de seus amigos e vários mandados. Sinclair foi preso junto com 55 outras pessoas naquilo que os jornais chamaram de “Operação Maconha no Campus”. Em 1969, depois de dois anos de apelações, Sinclair começou a cumprir sentença de dez anos de prisão pela posse de dois cigarros de maconha.

Durante os dois anos seguintes, seus amigos e defensores tentaram de tudo – apelos a legisladores receptivos, cartas e anúncios nos

jornais –, mas Sinclair seguiu preso. O primeiro sinal de esperança foi uma jogada política do presidente Richard Nixon, que, em julho de 1971, reduziu a maioria eleitoral de 21 para 18 anos. O impacto da medida transcendeu em muito a eleição presidencial: candidatos de todos os níveis de governo teriam agora de “vender” suas plataformas a uma geração até então praticamente ignorada, que dirá compreendida. Não demorou para os políticos perceberem que o público universitário tinha especial interesse nas leis que criminalizavam o uso da maconha. Legisladores de todo o país se perguntavam se não era hora de reclassificar a mera posse, de crime para contravenção.

Para os apoiadores de Sinclair, foi a tão aguardada oportunidade de trazer seu caso à baila, colocando-o nas primeiras páginas dos jornais e nos telejornais noturnos. Ações sensacionais eram às vezes necessárias, como as encenações yippies, só que agora apoiadas na credibilidade da grande imprensa. Um show reunindo os defensores da maconha e os opositores da Guerra do Vietnã poderia promover a combustão perfeita de público e causa – se arranjasse os músicos certos. Tudo de que precisavam para chamar a atenção era um superstar.

“Sempre buscávamos mais”, diz Sinclair. “E dessa vez tínhamos tirado a sorte grande.”

• • •

O PRODUTOR PETER Andrews só acreditou que a coisa ia realmente acontecer quando John Lennon atendeu o telefone. Andrews e Leni Sinclair foram a Nova York equipados com pouco mais do que um número, fornecido por Jerry Rubin, e alguns endereços no centro da cidade.

Andrews tinha muita experiência na organização de shows em Ann Arbor, de bandas locais ao Jefferson Airplane. Cabia-lhe,

agora, a assustadora tarefa de ocupar os 15 mil lugares da Crisler Arena com um espetáculo em prol de um poeta preso.

“Sinclair queria um grande evento”, diz Andrews. “Da cadeia, ele dizia ao pessoal: ‘Eu preciso de algo grande.’”

Mas o que eles tinham não bastava. Segundo Andrews, o plano original para o show de Ann Arbor se baseava em músicos locais e oradores, que, no melhor dos casos, atrairiam umas 3 mil pessoas, o que deixaria a arena com um aspecto vazio e triste. E depois Sinclair talvez já fosse notícia velha.

“Eu olhei o que eles tinham e disse: ‘Vocês têm um problemão para resolver’”, lembra Andrews. “Sinclair está há dois anos na prisão e as pessoas têm memória curta.”

Andrews não demonstrou entusiasmo pela ideia até que Leni Sinclair apresentou uma proposta interessante: John Lennon e Yoko Ono como atrações principais.

Sem chance, pensou Andrews. “Era muita pretensão”, conclui. “A ideia de Lennon participar parecia absurda.”

Parecia absurda, mas era real. E logo se realizaria. Andrews e Leni balançaram a cabeça diante da sua boa sorte e fecharam o acordo. Enquanto Andrews se dirigia à Bank Street para confirmar o interesse de Lennon, Leni pegava um táxi até o apartamento de Jerry Rubin, na Prince Street, para discutir a inclusão de outro artista top no programa. Protegendo-se da friagem de dezembro, tocou o interfone. Não obtendo resposta, ficou na escada, esperando.

“Pouco depois, chegou um homem e tocou o interfone”, diz Leni Sinclair. Ele também queria falar com Rubin. Num breve diálogo, Leni lhe falou do drama do marido e da disposição de Rubin e John Lennon em ajudar. Logo chegou mais um sujeito, que tinha a chave do edifício, e eles entraram para esperar.

“Sentei numa cadeira e os dois começaram a conversar”, diz Leni. “Ouvindo a conversa, de repente me dei conta de que eram Bob Dylan e Phil Ochs. Jerry Rubin estava tentando convencer Dylan a participar do show com John Lennon.”

Autêntica radical desde a época em que saiu da Alemanha para mergulhar de cabeça no underground de Detroit, Leni se sentiu um peixe fora d’água ao se dar conta de quem eram aqueles dois. “Eu não os vi outra vez e ele não fez o show”, diz Leni. “Não guardo mágoa – quem tem John Lennon não precisa de Bob Dylan.” Dylan não participou do show de Detroit, mas Phil Ochs, sim.

A viagem de Detroit a Nova York foi um sucesso inesperado, mas absoluto: um dos artistas mais solicitados do mundo se propusera a defender a causa de Sinclair. Andrews firmou um contrato para pagar a Lennon 500 dólares pela apresentação, cachê que seria imediatamente repassado ao Fundo pela Libertação de John Sinclair.¹³ O cachê convertido em doação era, evidentemente, uma soma insignificante: Lennon tinha perfeita consciência de que muitos grupos e ativistas que o procuravam o faziam, em parte, por necessidade financeira. “Eu sempre dei força para o underground”, dissera ele alguns meses antes. Lennon tinha uma visão própria daquilo que instituições e espetáculos beneficentes podiam realizar. “Quando eles têm dificuldades, eu lhes empresto dinheiro, invisto neles, coisas do tipo. A cada dois dias, me pedem pelo menos 5 mil libras e geralmente eu dou.”¹⁴ Lennon cogitava criar uma fundação, financiada com receitas de shows à base de ingressos a 1 dólar, em benefício das pessoas que lhe pediam ajuda.

O artista Lennon e o peso que o seu endosso musical podia aportar a uma causa tinham igual valor. Pensando em Sinclair, Lennon mostrou uma canção que começara a escrever para a ocasião, uma espécie de blues acompanhado de guitarra havaiana.

“Eu lhe garanti que era muito boa”, diz Andrews. “E que John Sinclair ia amá-la de verdade.”

Atônito com a perspectiva de um grande show de John Lennon, Andrews pediu-lhe humildemente que gravasse numa fita algumas palavras que confirmassem a assinatura do contrato, escrito às pressas.¹⁵ A mensagem de Lennon foi curta, objetiva e, de certa forma, quase apologética:

Quem fala aqui é John, ao lado de Yoko. Quero dizer que estou me associando ao fundo, campanha ou seja lá o que for pela libertação de John Sinclair, para dar um alô. Não vou levar banda nem nada parecido porque estou aqui como turista, mas provavelmente irei com minha guitarra e uma canção que escrevemos para John. É isso. Estaremos lá na sexta-feira... Olá e até logo; espero que seja bem legal.

• • •

É CLARO QUE John e Yoko foram tratados como reis em sua chegada a Michigan na sexta-feira 10 de dezembro. Andrews reservara – ironicamente – a suíte presidencial do Campus Inn de Ann Arbor, onde deixou o casal depois de pegá-lo no aeroporto.

Vender ingressos com John Lennon na programação não era problema, obviamente. A 3 dólares, baratíssimo até para os padrões de 1971, os ingressos se esgotaram em poucas horas. Andrews disse que o valor foi um pedido de Sinclair, uma filosofia “populista” de que mais tarde ele próprio se arrependeu.

“Tínhamos um orçamento justo, ninguém recebeu nada”, diz Andrews. “Eu queria cobrar 20 dólares, pensando numa receita de 300 mil, e teríamos vendido todos os ingressos da mesma forma.

Não é todo dia que se tem a oportunidade de ter um show com John Lennon.”

Assim como em Nova York, Lennon tinha a expectativa de ignorar a própria fama, de ser um cara comum nas lojas hippies da cidade universitária e do Centro. Passou parte da tarde perambulando pelas ruas e entrando nas lojas. Deu uma parada, para assombro dos músicos presentes, na Herb David Guitar Studio, na esquina da Liberty com a Rua 4. Não houve alarde, disse David ao *Ann Arbor Chronicle*. Lennon simplesmente entrou – tão despreziosamente que, de início, não foi reconhecido por algumas pessoas que estavam na loja.¹⁶

David com certeza sabia muito bem quem entrara em sua loja.

“Olá, John”, saudou-o, antes de se apresentar.

“Eu não sou o John. Sou o primo dele”, respondeu Lennon, sorrindo.

“Olá, primo”, disse David, retribuindo o sorriso, e convidou-o a ficar à vontade, apontando-lhe uma cadeira comum, de madeira. Lennon passou mais de uma hora na loja e deu até uma canja no violão para deleite dos fregueses que o ouviam, boquiabertos. (A cadeira ficou no mesmo lugar por quatro décadas, com uma inscrição em papelão dizendo: *John Lennon sentou aqui em 1971* – uma autêntica peça de museu, venerada com status de *memorabilia* presidencial.)

À noite, nos bastidores da Crisler Arena, Lennon mostrou pacientemente à sua banda improvisada os acordes das canções que iriam tocar. Satisfeito pelo grupo ter aprendido as canções tão bem quanto poderia razoavelmente esperar, ficou aguardando o momento de fechar o show.

Foi uma longa espera. O espetáculo começou pouco depois das 19h com o poeta Allen Ginsberg, cuja balada sobre Sinclair fora passada a Lennon à guisa de informação sobre a causa. Uma nuvem

de fumaça se formou dentro da arena e durou a noite toda; segundo dizem, um baseado era aceso toda vez que se invocava o nome de John Sinclair. Ao longo das sete horas seguintes, sucederam-se apresentações musicais do artista local Bob Seger, da Teegarden & Van Winkle, de Phil Ochs, da Commander Cody and His Lost Planet Airmen (“Hot Rod Lincoln”), da The Up e do saxofonista de jazz Archie Shepp. Entre as apresentações, enquanto se trocavam os instrumentos e amplificadores, o público ouvia a retórica revolucionária de Rennie Davis, Bobby Seale, Jerry Rubin e outros que tinham ido a Ann Arbor para libertar o maconheiro encarcerado; cada orador apresentava também a sua visão sobre as prioridades do Movimento.

Davis fez um discurso inflamado sobre a hipocrisia do governo: desde que, dois anos antes, Sinclair começara a cumprir sentença, as forças norte-americanas – por ordem de Nixon – haviam bombardeado o Sudeste Asiático à taxa de “duas e meia Hiroshimas por semana” – enquanto o governo tentava convencer o país de que a guerra estava acabando.¹⁷

Seale, um dos pioneiros dos Panteras Negras, expeliu uma diátribe poética em versos livres sobre a “poluição histórica” da guerra, da fome, dos assassinatos e da injustiça – uma salmodia rítmica que se antecipou em décadas ao rap: “A única solução para a poluição é uma revolução popular humanitária!”

Rubin, agitado como sempre, fez um abrangente pronunciamento sobre a situação da união hippie. “Todas as pessoas que dizem que o Movimento e a revolução acabaram deviam ver o que está acontecendo aqui”, declarou. “Eu não acho que acabaram.”

Mas o que de mais interessante Rubin disse – ao menos para algumas pessoas na plateia – foram as suas especulações sobre o que poderia acontecer na convenção republicana do ano seguinte, 1972, até então programada para a Califórnia.

“Nós devemos fazer com os republicanos o que fizemos com os democratas em 1968”, disse Rubin. “Levar 1 milhão a San Diego.”

Dave Dellinger, seu veterano companheiro dos Sete de Chicago, fez referências similares, incluindo a ideia de um concerto político. “Queremos John fora da prisão”, disse, “para organizar a música em San Diego.”¹⁸

Mas havia mais do que ativistas radicais: o show e a apresentação de Lennon foram apenas o carro-chefe de um movimento maior. Estimulada pelos novos projetos de lei para a redução da pena por posse de maconha, e consciente de que o apoio de um Beatle pusera os holofotes sobre a causa, a campanha pela libertação de Sinclair ganhou impulso. Em pronunciamento lido durante o show, o prefeito de Ann Arbor, Robert J. Harris, disse que a sentença de Sinclair era “um horror”, “uma desgraça”, e elogiou o Legislativo do estado por tomar a iniciativa de rever as leis sobre a maconha; e o Conselho Municipal de East Lansing City já havia aprovado uma resolução em apoio à campanha pela libertação de Sinclair.

“Nunca houve na história algo assim”, disse Leni Sinclair, pensando antes de tudo em ter de volta o marido e pai. “E não será a última vez – tudo isso é bom demais.”

Os organizadores conseguiram fazer o próprio John Sinclair se dirigir à multidão por meio de uma breve ligação do telefone público da penitenciária. Andrews subiu ao palco, interrompeu o espetáculo e anunciou: “Senhoras e senhores, temos uma chamada telefônica de Jackson.”

“Estou tão emocionado que nem sei o que dizer”, foram as suas primeiras palavras. Ao pedir à multidão: “Digam-me alguma coisa”, a resposta foi a maior ovação de toda a noite, uma grande e tocante aclamação.

À 1h da manhã subiu ao palco aquele que foi, para muitos, o grande destaque musical da noite; um convidado especial não anunciado cuja presença o próprio Andrews garante só ter confirmado poucos dias antes do evento.

“Eu estava no escritório quando o telefone tocou”, lembra Andrews. “Era Stevie Wonder. Depois que conseguimos John Lennon, nada mais me surpreenderia. Stevie disse que queria participar.”

Wonder, um sucesso da Motown* cujo gênio musical brilhava intensamente desde os 13 anos, era politicamente cauteloso. Segundo Andrews, ele queria deixar claro que não defendia nem apoiava o uso de drogas, mas “sabia que o que fizeram com Sinclair não foi nem um pouco bonito”.

Quando Wonder começou a cantar “For Once in My Life”, os ouvidos de Lennon se ligaram nos bastidores. Ignorando que o astro da Motown estaria na programação, Lennon saiu à procura de Andrews para ficar perto do palco.

“Stevie Wonder está aqui?”, gritou Lennon, incrédulo. “Eu preciso vê-lo!”

Ao imaginar Lennon no meio da multidão, Andrews hesitou.

“Um Beatle não desfila no meio do público”, advertiu Andrews.

“Você não entendeu”, disse Lennon. “Stevie Wonder é o meu Beatle.”

Cercado por um pelotão de seguranças, Lennon desceu pelo túnel até junto do palco. Ao reconhecê-lo, os espectadores mais próximos, estupefatos, deixaram Wonder de lado por um momento e se aglomeraram à sua volta – uma proximidade nada confortável para Andrews.

* Gravadora fundada em 1959 na cidade de Detroit; também um apelido da cidade, por redução de Motor Town.

“Eu disse a John que aquilo não era nada bom, e ele, como bom soldado, obedeceu”, lembra Andrew. “Ele me agradeceu... Parecia uma criança vendo Stevie Wonder.”

Wonder foi atipicamente franco em sua política e sua música naquela noite. Cantou “Somebody’s Watching You”, de Sly Stone, dedicando-a ao FBI e a “todos os policiais infiltrados na plateia”. A propósito da finalidade do show, Wonder questionou um sistema de justiça que prendia Sinclair, mas não punia a Guarda Nacional de Ohio: “Um homem pega dez anos de prisão por posse de maconha enquanto outro, que matou quatro estudantes em Kent State, fica livre. Que porra é essa? Às vezes eu sinto muito nojo e muito desânimo.”

Oito horas depois do início do espetáculo, Lennon subiu ao palco para cantar quatro músicas ainda não gravadas: “Attica State”, “The Luck of the Irish”, “Sisters, O Sisters” e a balada tributo da noite “John Sinclair”. Lennon foi apresentado por David Peel com uma canção em homenagem ao casal: “John Lennon, Yoko Ono, a cidade de Nova York é amiga de vocês”, entoou ele, com seu jeito inexpressivo.

Lennon entrou no palco sem alarde, mas entusiasticamente aplaudido, de óculos e jaqueta de couro, carregando duas guitarras. Apresentou “Attica State”, que disse ter começado a compor “de improviso” na comemoração do seu aniversário de 31 anos, em outubro. “Depois, terminamos”, disse. Testou o microfone com um “alô, alô” e começou a música, com sua poderosa batida.

Não foi uma de suas melhores apresentações, um fato óbvio para todos, ele próprio inclusive. Várias vezes durante a apresentação ele precisou se acertar com a banda de apoio, visivelmente frustrado. Algumas críticas foram duras: “Quase não valeu a pena esperar”, escreveu Bill Gray, do *Detroit News*, que não gostou das músicas “desconhecidas” nem do vocal de Yoko em “Sisters, O Sisters”.¹⁹

Lennon introduziu “John Sinclair” com alguns comentários. Enquanto afinava a guitarra, dirigiu-se à plateia com o seu modo simples e direto de falar aos amigos. Estava ali para ajudar Sinclair, é claro, e “dar publicidade ao que estava acontecendo”, mas a mensagem que queria divulgar era maior do que a prisão de um homem.

O discurso de Lennon era o roteiro de uma nova era. Ele queria que as pessoas soubessem que a indiferença passiva e o protesto complacente pertenciam à década de 1960, aos discos dos Beatles.

“Apatia não leva a nada... Nós podemos fazer alguma coisa. O *flower power* não deu certo? E daí? A gente começa de novo.”

E cantou: “Libertemos John agora, se pudermos, das garras do homem.”

Foi exatamente o que aconteceu, cerca de 48 horas depois.